

(9) duas maiores forças - a ascensão da China e a volta da Rússia - foram produto de mudancas estruturais no poder? Ou a culpa será de decisões individuais, principalmente por parte do Ocidente?

Muitos realistas argumentam que a agressão revisionista da Rússia foi provocada pelo aumento constante no número de países-membros da Otan depois da Guerra Fria. Durante o debate a respeito da expansão da Otan, nos anos 90, fui uma voz cautelosa em relação ao tema: favorável à entrada de grandes países do Leste Europeu - Polônia, Hungria, República Checa - mas também a uma pausa subsequente para que os líderes dos países da aliança pensassem nos interesses e sensibilidades da Rússia e os levassem em consideração. E eu acreditava já em 2008, assim como agora, que a decisão do ex-presidente George W. Bush na cúpula de Bucareste, naquele ano, de abrir a possibilidade de a Ucrânia poder aderir à Otan, mas sem fazer um convite formal ao país, foi o pior dos dois mundos - enfurecendo a Rússia, mas sem dar à Ucrânia um caminho para a segurança.

Mas a Rússia poderia ter invadido a Ucrânia mesmo sem a expansão da Otan (alguns pensam que a invasão poderia ter ocorrido ainda antes). A Ucrânia impregnava a consciência russa: a joia da coroa do império czarista. A história russa remonta ao Estado medieval conhecido como Rússia Kievana, cuja capital era Kiev; e grande parte da Ucrânia ficou sob controle de Moscou por mais de 300 anos

Quando Putin classificou famosamente o colapso da União Soviética como a "maior catástrofe geopolítica do século", ele foi além e explicou por quê. Porque milhões de "russos" deixaram de ser parte da Mãe Rússia – uma visão que considera os ucranianos russos (mas de segunda classe) e a Ucrânia uma região subordinada à Rússia. Após um período de fraqueza nos anos 90, quando a Rússia travou duas guerras sangrentas para evitar a secessão da Chechênia, Putin estabeleceu para si mesmo o objetivo de restaurar o poder russo, especial-mente em seu "exterior próximo". Isso o colocou no rumo para reverter a independência da Ucrânia.

RESTAURAÇÃO IMPERIAL. A

União Soviética foi o último império multinacional do mundo, e uma rápida análise da história nos ensina o que costuma acontecer quando impérios desse tipo colapsam: o poder imperial empreende esforcos sangrentos para manter seus antigos territórios. Os franceses travaram uma guerra sangrenta para manter a Argélia, que consideravam parte essencial da França. E também tentaram manter sua colônia no Vietnã, como os holandeses na Indonésia. Os britânicos mataram mais de 10 mil pessoas durante a Revolta dos Mau Mau no Quênia. A incursão de Putin na Ucrânia pode ser similarmente entendida como uma guerra de restauração imperial.

Ainda assim, muitos analistas realistas eximem a Rússia. Em vez disso, criticam os EUA por terem sido fortes e assertivos demais em sua política em relação a Moscou, com a expansão da Otan vista como uma aproximação imprópria ao "quintal" russo.

ENVOLVIMENTO E DISSUASÃO.

Em relação à China, o consenso vai na outra direção: Washington foi fraco e submisso demais. Os EUA deram boas-vindas à China no sistema internacional e abriram as comportas que permitiram uma inundação de comércio e investimento sem se importar com suas práticas de exploração abusiva na economia e tendências autoritárias. Isso foi feito sob a convicção de que a China adotaria posições moderadas e se tornaria uma democracia responsável. Os combatentes da Nova Guerra Fria, que desejam um conflito total com a China, afirmam que essas décadas de uma po-lítica de "envolvimento" foram ingênuas e fracassaram. Afinal, a China não se transformou em uma democracia liberal.

Na realidade, a política de Washington em relação à China nunca foi puramente de envolvimento, e seu objetivo principal não era transformar a China em uma Dinamarca. A

política foi sempre uma combinação entre envolvimento e dissuação às vezes descrita como "cobertura". As autoridades americanas concluíram nos anos 70 que trazer a China para o sistema econômico e político era melhor do que o país existir fora dele, ressentida e desestabilizadora. Mas os EUA aliaram esses esforços de integrar a China a uma aiuda consistente a outras potências asiáticas como um mecanismo de contrapeso. Os americanos mantiveram tropas no Japão e na Coreia do Sul, aprofundaram relações com a Índia, expandiram a cooperação militar com a Austrália e as Filipinas evenderam armas para

Pós-realpolitik

Mundo com uma ordem internacional baseada em regras é algo considerado relativamente novo

Esse equilibrismo funcionou em grande medida. Antes da abertura a Pequim promovida pelo ex-presidente Richard Nixon, a China era o maior Estado incontrolável do mundo, financiando e dando apoio político a insurgências e movimentos guerrilheiros em todo o planeta, da América Latina ao Sudeste Asiático. Mao Tsétung era obcecado com a ideia de se situar na vanguarda de um movimento revolucioná rio que destruiria o capitalismo ocidental. Nenhuma medida em nome da causa era extrema demais - nem mesmo um apocalipse nuclear. "Se o pior cenário ocorrer e metade da humanidade morrer", explicou Mao em um discurso em Moscou, em 1957, "a outra metade permaneceria, enquanto o imperialismo seria aniquilado definitivamente, e o mundo inteiro se tornaria socialista". Em comparação, desde o mandato de Deng Xiaoping, a China foi uma nação notavelmente contida na arena internacional, sem ir à guerra nem financiar insurgentes em nenhum lugar desde os anos 80.

Mas Xi deu início a uma política externa muito mais assertiva. Reverteu grande parte do consenso chinês que alimentou o sucesso de seu país, erradicando o ditame de Deng, "oculte sua força e aguarde seu momento", e a promessa de Hu Jintao de "ascensão pacífica". Muito pouco é oculto ou pacífico a respeito dos combates entre tropas chinesas e indianas no Himalaia, da pressão sobre a Coreia do Sul para a remoção de um sistema americano de defesa contra mísseis e dos exercícios navais em ameaça a Taiwan. Talvez fosse inevitável a chegada deste momento após a China ter aguardado o suficiente e estar pronta para demonstrar sua força. A China sente que merece ser tratada como a grande potência que é.

SEGUE NAS PÁGINAS CIO E CI